

Apodrecer, assombrar: imagens abertas do corpo.

Doutorando Eduardo Jorge de Oliveira (UFMG)

Resumo:

“Na história como na natureza o apodrecimento é o laboratório da vida”. O trecho de Karl Marx era uma epígrafe cara à Georges Bataille. Portanto, a primeira aproximação a se ensaiar seria a da íntima relação entre a decomposição (e os procedimentos formais que dela derivam) e aquilo que pode ser considerado estranho ou inquietante (Das Unheimliche). Assim, as apresentações do corpo, em sua composição material, dentro do campo literário, talvez pertençam a uma rede de metamorfoses que nos permite perguntar: até quando existe um corpo? Ou ainda de modo mais preciso: quando se esvai a humanidade de um corpo? Se o corpo está morto, ele seria, de fato, uma “coisa inconsciente” (Kojève)? Entre a “coisa inconsciente” e aquilo que não é “nem sujeito, nem objeto” (Kristeva), existe a noção de informe (Bataille). É nesse contexto que se propõe ler Bataille para tentar entender, com Georges Didi-Huberman, “como a aporia se converte em sintoma”.

Palavras-chave: Corpo, Georges Bataille, Literatura, Metamorfose, Morte.

“Na história como na natureza o apodrecimento é o laboratório da vida”. O trecho de Karl Marx era uma epígrafe cara à Georges Bataille que a cita diretamente pelo menos em dois de seus ensaios que constam em seus escritos entre 1922 e 1940. Desses textos, o título do primeiro *“Dans l’histoire comme dans la nature...”* Bataille traça brevemente uma espécie de economia do apodrecimento na superfície da terra, onde em um primeiro momento se essa podridão lhe parece estranha, logo em seguida ela seria um meio de vida e um tipo de prazer necessário. Uma economia do apodrecimento não está ligada apenas ao que Bataille já se referiu, em outros escritos, de uma economia restrita, mas toma a economia no sentido geral. Generalizar a economia? Sim, quando se toma o que se conhece por *dépense*, por gasto, como algo que não exclui a libido, o erotismo, a morte, a

animalidade. Em *La part maudite*, Bataille parte de um fato que para ele era fundamental:

O organismo vivo, dentro da situação que determinam os jogos de energia na superfície do globo, recebe em princípio mais energia que o necessário para a manutenção da vida: a energia (a riqueza) excedente pode ser utilizada para o crescimento de um sistema (por exemplo, de um organismo). Se o sistema não pode crescer mais, ou se o excedente não pode ser inteiramente absorvido no seu crescimento, é necessária a perda sem benefício, o gasto, voluntário ou não, glorioso, ou pelo menos, de maneira catastrófica (BATAILLE, 2007a. p. 29-30)

Georges Bataille estava atento as possíveis e profundas modificações históricas e talvez por isso, sua leitura de Marx se distinga daquela praticada por André Breton. Ela pode ser considerada como um dos traços diferenciadores entre o *Surrealismo* em voga naquele momento e o que Bataille praticou nos dois anos de existência da revista *Documents* (1929-1930), por exemplo, que para Denis Hollier foi uma espécie de “valor de uso do impossível”¹ (HOLLIER, 1991. p. VII). Nesse sentido, Georges Bataille não desprezava o apodrecimento *na* e *da* economia. Enfim, um apodrecimento que se expande da matéria sobre a superfície da terra ao apodrecimento intelectual e moral, como afirma Bataille: “Todas as consequências de uma dada abjeção podem ser desenvolvidas deliberadamente e grosseiramente no domínio intelectual em particular” (BATAILLE, 1970. p. 91). Pelo menos dois aspectos podem ser considerados a partir dessa afirmação. Um deles é o não contentamento com a *delectatio morosa* e uma complacência inconsciente. Outro é a “atmosfera sem ar e carregada de ódio” do meio intelectual ao qual Bataille viveu.² De ambos, se é que podemos falar de um projeto batailliano, resulta um pensamento heterodoxo onde as forças materiais da podridão se articulam com as formas dementes do

1 Na revista *Documents*, como analisa Hollier, não há sequer uma menção ao nome de Marx, mas a relação entre valor de uso e valor de troca situada na abertura de *O capital* está muito próxima à reflexão sobre o museu praticada pelos etnólogos e surrealistas dissidentes presentes na referida revista. Como uma resistência a um formalismo modernista predominante, uma espécie de retorno ao primitivo acabou sendo uma alternativa de leitura, embora logo mais ela se afirme como uma força predominante. Nesse momento, o que interessava aos editores da revista *Documents* era um valor de uso primitivo e seu recalçamento. Assim, conforme Denis Hollier, “ao invés de substituir por um valor de troca ou de exposição, este espaço (da revista *Documents*) preservaria seu valor de uso, permitindo-lhe sobreviver à descontextualização” ou ainda “por sua vez útil e inoperante (*déseuvrée*)” (HOLLIER, 1991. p IX, X, XI).

2 Isso se configura precisamente no início do prefácio de *A literatura e o mal*: “A geração a que pertenço é tumultuosa. Ela despertou para a vida literária nos tumultos do surrealismo. Houve, nos anos que se seguiram à Primeira Guerra, um sentimento que transbordava. A literatura sufocava em seus limites. Parecia que ela continha em si uma revolução (BATAILLE, 1989. p. 9).

pensamento. Como se a corrupção da matéria (dos corpos) ou um baixo materialismo conduzisse o pensamento de Donatien Alphonse François de Sade, Friedrich Nietzsche, Karl Marx, Alexandre Kojève, Pierre Klossowski ou ainda Michel Leiris, Carl Einstein, Roger Caillois, Jacques Lacan. Entre todos, sem dúvida, o corpo também se apresentou como um verdadeiro laboratório da vida.

Mas como se aproximar de tal corpo senão pelo regime de uma economia geral que toca a impossibilidade de discernimento do econômico, do erótico, do abjeto ou mais precisamente as forças informes atuando sobre o anatômico e o figurativo, alterando suas próprias formas de apresentação. As apresentações do corpo, em sua composição material, dentro do campo literário, talvez pertençam a uma rede de metamorfoses que nos permite, inclusive, a perguntar “até quando existe um corpo?” Ou ainda, quando se esvai a *humanidade* de um corpo? Parece existir uma articulação interna entre humanidade e utilidade, por mais que um dos fortes princípios da energia vital, a motricidade, seja um dos mecanismos para essa silenciosa ligação.³

A noção de utilidade é abordada em diversos aspectos na obra de Georges Bataille. Em um texto intitulado *Le paradoxe de l'utilité absolue*, Bataille afirma que “teoricamente a utilidade é um termo médio subordinado ao prazer. Mas se trata apenas do prazer moderado e razoável (BATAILLE, 1970. p. 148). O pensador e escritor francês se refere a uma exclusão do prazer violento, como se esse princípio de prazer estivesse submisso ao princípio da utilidade. É diante da utilidade que o prazer, segundo Bataille, não deve ser um fim (BATAILLE, 1970. p. 148).

O corpo não se sustenta apenas na pergunta “para que ele serve”, no entanto, ao atingir a morte térmica e entrar em um estado de decomposição, ele, sendo uma ausência de seus estados vitais, possui uma condição de ser corpo em si. Se materialmente o corpo apodrece, é desse mesmo processo metamórfico de transformação da matéria que ele assombra. Se a podridão é o laboratório da vida tanto na história quanto na natureza, a economia que o corpo opera oscila entre o mundo natural e momento histórico.

3 Sobre o aspecto da motricidade, *A temperatura do corpo*, dissertação de mestrado em Educação Física, do escritor Gonçalo M. Tavares é um estudo que toma a importância do movimento no corpo humano. Com uma tese amparada na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, Gonçalo M. Tavares pensa o que ele chama de corpo-motricidade como um corpo que simultaneamente possui percepção e intenção, sendo uma “imbricação sujeito-objeto” que praticamente se funde às matérias móveis (TAVARES, 2001. p. 65).

Essa oscilação para a leitura de Hegel feita por Kojève pode ser marcada ainda pela passagem do desejo (*Begierde*) para o reconhecimento (*Anerkennung*) (KOJÈVE, 2010a. p. 87). Um determinado momento histórico marca que um corpo não é dotado apenas de características naturais, mesmo que estas sejam, não poucas vezes, uma presença recalcada. Assim, o reconhecimento, pelo viés da história, seria um modo de limpar um nome de um corpo que sucumbiu? Essa passagem capaz de apagar os vestígios animais do corpo humano para marcá-lo com a “ação negadora”⁴ de suas lutas e de seu trabalho seria para Hegel, lido por Kojève, uma ação que vai de um desejo humano dirigido para outro desejo humano. O que seria essa ação negadora para o corpo senão a capacidade de produção do assombro pelo viés da permanência do nome. A partir da frase que assume a força de uma sentença, Alexandre Kojève é preciso: “a história humana é a história dos desejos desejados” (KOJÈVE, 2010a. p. 11). Cadáver, mais que buscar étimo ou palavra originária, trata-se de um desejo desejado, enfim, algo esgotado. A leitura de Hegel feita por Kojève formou uma geração inteira que vai de Maurice Merleau-Ponty, passando por Jacques Lacan, Roger Caillois, Raymond Queneau, quem, aliás, estabeleceu a edição de *Introdução à Leitura de Hegel*, até chegarmos a Georges Bataille. Ao iniciar *O erotismo*, Bataille parece tomar de empréstimo a contundência de Kojève ao afirmar que “do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte” (BATAILLE, 1987. p. 11).

No conjunto de notas que Bataille não publicou em vida, mais precisamente em *La joie devant la mort*, o autor parece retomar esse componente erótico ao afirmar a existência de um acordo íntimo da vida com sua destruição violenta (BATAILLE, 1970. p. 247). Esse acordo é uma comunicação estranha como se houvesse um paradoxo exposto e discutido amplamente no sentido que os corações humanos não batem por outro motivo senão pela morte (BATAILLE, 1970. p. 245). Ou como ele mesmo escreveu no número 5 da revista

4 Em *Introdução à Leitura de Hegel*, Alexandre Kojève anota que: “O animal transforma o aspecto do mundo natural onde vive. Mas, quando morre, devolve à terra o que lhe havia tomado. Como seus filhotes o repetem identicamente, as mudanças que ele faz no mundo também se repetem. No conjunto, a natureza permanece o que é. Já o homem transforma o mundo essencialmente pela ação negadora de suas lutas e de seu trabalho. Ação que nasce do desejo humano não-natural dirigido a um outro desejo, isto é, a algum desejo de reconhecimento social” (KOJÈVE, 2010a. p. 351). A crítica a um argumento de tal natureza pode ser lida nas últimas obras de Jacques Derrida, *L’animal que donc je suis* e nos dois volumes do seminário intitulado *La bête et le souverain*. A suposta distinção entre história e mundo natural talvez ainda tenha sua inscrição nos termos *cadáver* (ao corpo humano) e *carcaça* (empregada aos demais vertebrados e insetos). Como não pensar na animalidade a partir de Blanchot, onde no negativo não há uma forma “consciente” de dele se servir.

Acéphale, em junho de 1939, “nenhum termo é suficiente claro para expressar o feliz desprezo daquele que “dança com o tempo que o mata” (BATAILLE, 2005. p. 165-166). Bataille parece se valer da “santa lei do contraste” de Maurice Blanchot, pois, ao afirmar que o indivíduo que olha a morte se deleita com esse olhar, ele não estaria mais prometido ao apodrecimento do corpo, pois uma vez entrando no jogo da morte, existiria uma projeção para fora de si, como se houvesse aí um movimento de conquista de si mesmo (BATAILLE, 1970. p. 247). A proximidade com Blanchot acontece pela partilha de uma hipótese, segundo Blanchot: “talvez a arte exija que se brinque com a morte, talvez introduza um jogo, um pouco de jogo, onde já não existe mais recurso nem controle” (BLANCHOT, 2011. p. 95). Para Blanchot a marca dessa questão é capaz de se sustentar na *neutralidade da ausência*.⁵

Como lidar com oestes desdobramentos paradoxais para continuar a leitura de Georges Bataille: Se o apodrecimento é o laboratório da vida e, se aquele que contempla a morte não promete seu corpo ao apodrecimento, não haveria um aniquilamento do respectivo laboratório da vida na prática da alegria diante da morte? Essa aniquilação talvez esteja mais próxima de uma *supressão* da ideia de morte (a *Aufhebung* hegeliana, o *recalcado* – *Die Verdrängung* – freudiano e seus *deslocamentos*) pelo viés da metamorfose? Com o movimento das transformações contínuas, “nada permanece”, o apodrecimento e o assombro seriam banidos daquele que contempla a morte com alegria? Mesmo diante de tais questões, talvez seja preciso perceber que não existe *nada* sem *resto*. Na permanência da matériaenfim, o apodrecimento permanece, dado biológico inerente ao corpo. O assombro persiste enquanto carga psíquica individual e comunitária ou, nos termos de Julia Kristeva, onde o referido assombro se aproxima de seus escritos sobre a abjeção, ele seria um estranhamento imaginário e uma ameaça real (KRISTEVA, 1980. p. 12).

5 “Quem reside na negação não pode servir-se dela. Quem lhe pertence, não pode mais desobrigar-se dessa pertença, porquanto pertence à *neutralidade da ausência*” (BLANCHOT, 2011. p. 108). *Grifo nosso*. Existe um processo metamórfico que incide tanto no pensamento heterodoxo e informe de Bataille, quanto nas considerações de Maurice Blanchot até se estender ao pensamento de Georges Didi-Huberman. Em Blanchot, para prolongar a questão da ausência e do neutro, lê-se em *O espaço literário*: “A metamorfose aparece então como a feliz consumação do ser, quando, sem reserva, ele entra nesse movimento onde nada é conservado, que não realiza, não concretiza nem salva nada, que é a pura felicidade de cair, a alegria da queda, fala jubilosa que, uma única vez, dá voz ao desaparecimento, antes de desaparecer nela” (BLANCHOT, 2011. p. 156).

Se Sigmund Freud escreveu sobre o recalçado (*Die Verdrängung*), em 1915, quatro anos depois, em 1919, virá à tona o seu ensaio em torno do inquietante (*Das Unheimliche*). Nesse texto temos mais claramente um Freud filólogo que recorre às palavras, mesmo com suas justificativas anteriores de práticas clínicas. Em um primeiro momento, Freud faz uma referencia a uma espécie de coisa assustadora que também é bastante familiar (FREUD, 2010b. p. 331) até ele escrever que “para muitas pessoas é extremamente inquietante tudo o que se relaciona com a morte, com cadáveres e com o retorno dos mortos” (FREUD, 2010b. p. 360). Freud acrescenta: “em nenhum outro âmbito nossos pensamentos e sentimentos mudaram tão pouco desde os primórdios, o arcaico foi tão bem conservado sob uma fina película, como em nossa relação com a morte”⁶ (FREUD, 2010b. p. 361). A fina película do arcaico, a nossa relação com a morte, explorado de modo distinto por Georges Bataille e por Maurice Blanchot nos anos seguintes, sob o aspecto do informe, acompanhado das reflexões de Julia Kristeva em torno do abjeto e pelas noções de crise das formas e sintoma por Pierre Fédida e Georges Didi-Huberman, não deixa de ser um traço da nossa incerta biologia que desloca continuamente os aspectos metamórficos do que se chama animalidade. A pergunta de Fédida, em *Par où commence le corps humain*, segue por esse viés: “e não seria portanto a animalidade que constitui, segundo Georges Bataille, o valor de movimento (e de processo) do *informe*?” (FÉDIDA, 2000. p. 27). Se há um estranhamento não só apenas diante do corpo que tomba sem motricidade, que morre, mas precisamente no seu apodrecimento, o deslocamento passa por uma regressão da morte à animalidade inerente ao corpo humano. A animalidade é um signo incerto que sofre diversos deslocamentos históricos, estéticos, psíquicos. Aliás, tais deslocamentos se imbricam de uma forma que existem diversos pontos onde não se diferencia o histórico do psíquico ou o estético do sintoma. Este último, na leitura de Georges Didi-Huberman, também está deslocado de seu sentido clínico e estaria entre a experiência e a forma, como define Didi-Huberman em *La ressemblance informe*:

6 Freud se apóia justamente na indecidibilidade biológica do corpo entre destino e incidentes talvez evitáveis, o que nos leva ao campo do acidente: “Nossa biologia ainda não pôde decidir se a morte é o destino necessário de todo ser vivo ou apenas um incidente regular, mas talvez evitável, dentro da vida” (FREUD, 2010. p. 361). Ainda no mesmo contexto, prolongando a discussão da fina película do arcaico que está sobre o medo da morte, Freud fala também de um primitivo medo dos mortos – “provavelmente ele (o medo dos mortos) possui o velho sentido de que o morto tornou-se inimigo do que sobrevive e pretende levá-lo consigo para partilhar sua nova existência” (FREUD, 2010b. p. 361-362).

O sintoma diz ao mesmo tempo, dialeticamente, o excesso e a estrutura, o patético e o morfológico, o não-saber e o saber, o grito e o escrito. Ele diz do signo senão o extremismo desagregante, o limite que se transgride, a trama que se rasga; é porque ele engaja uma "semiótica" paradoxal que não é mais a *semeiologia* dos clínicos da idade clássica, nem a semiologia dos lingüistas e dos pesquisadores de "dispositivos" que operam sem resíduo (DIDI-HUBERMAN, 2003. p. 361).

Tudo aquilo no campo literário que traz os aspectos da morte, do apodrecimento, do corpo, da animalidade não pode ser operado, lido criticamente sem resíduo. Tudo isso se aproxima da noção de “imagem aberta”, de Georges Didi-Huberman: “É que a imagem aberta atravessa os tempos sobre o modo do impensado, do sintoma, da sobrevivência: recalcamientos e retornos do recalcado, repetições e posteridades, tradições e ligações que faltam, movimentos tectônicos e tremores de superfície” (DIDI-HUBERMAN, 2007b. p. 33). É na imagem aberta que o resíduo sobrevive, “onde carne e inconsciente são indissociáveis como a própria matéria é indissociável dos intervalos que a fazem” (DIDI-HUBERMAN, 2007b. p. 32).

Intervalos que vão do patético e do morfológico, onde há toda uma morfologia do *pathos* nos escritos de Georges Bataille, ponto de partida para pensar os processos de alterações em movimento, a presença residual do *informe*: “, *informe*, não é somente um adjetivo com certo sentido, mas um termo que serve para desorganizar, exigindo, geralmente, que cada coisa tenha sua própria forma” (BATAILLE, 1970. p. 217).

Não há um caminho fixo para a forma e ela não está separada da experiência. A citação de Marx utilizada por Bataille, tomando o apodrecimento como um laboratório da vida se aproxima de sua noção de *informe* como algo inerente a este laboratório, das formas que são instantes sem mediação. A leitura de Raúl Antelo – em texto inédito – *As térmitas e a mediação* recupera justo o instante em que Georges Bataille, enquanto aluno de Kojève, toma nota que não existe mediação entre as térmitas, os vermes, “*pas de Vermittlung chez le termites*”. Partindo dessa citação, se Antelo afirma que não existe dialética na natureza, podemos pensar a partir dessa afirmação que não existe mediação sem história. Diante do imediato, o apodrecimento atua na economia geral, tomando o que é negado na história, na permanência o corpo invadido pelos vermes ou os nomes

devorados pelas traças o que nos leva a concluir temporariamente que não há corpo sem animalidade ou assinatura que não possua seus traços de vitalidade e de apodrecimento, de legibilidade ou do que não se lê porque antes já foi devorado, roído.

Referências

ANTELO, Raúl. *As térmitas e a mediação*. Conferência apresentada no Colóquio Internacional Animais, Animalidade e os limites do Humano. 5 e 6 de maio de 2011. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

BATAILLE, Georges. *La parte maldita*. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2007a.

BATAILLE, Georges. *A mutilação sacrificial e a orelha cortada de Van Gogh*. Lisboa: Hiena, 1994.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: LP&M, 1989.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: LP&M, 1987.

BATAILLE, Georges. *Œuvres Complètes II. Écrits posthumes (1922-1940)*. Paris: Gallimard, 1970.

BATAILLE, Georges. “La practica de la alegría frente a la muerte”. *Acéphale*. 1936-1939. Buenos Aires: Caja Negra, 2005. p. 163-170.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *L’image ouverte*. Paris: Gallimard, 2007b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *La ressemblance informe*. Paris: Macula, 1995.

FÉDIDA, Pierre. *Par où commence le corps humain*. Retour sur la régression. Presses Universitaires de France, 2000.

FREUD, Sigmund. “A repressão”. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 82-98.

FREUD, Sigmund. “O inquietante”. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 328-376.

HOLLIER, Denis. *Documents*. Vol. 1. Paris: Jean Michel Place, 1991.

KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010a.

KRISTEVA, Julia. *Le pouvoir de l'horreur*. Essai sur l'abjection. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

TAVARES, Gonçalo. *A temperatura do corpo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.